

## 4 Vestígios teológicos na tessitura Saramaguiana em *Caim*

Como um tecido costurado que deixa escapar seus fios a obra saramaguiana apresenta vestígios teológicos que se seguidos podem conduzir a uma reflexão que contribua para uma melhor compreensão da imagem de Deus. Assim, para realizar seu objetivo esse capítulo está dividido em três itens. No primeiro item, almeja-se mostrar que o projeto da reescritura de Saramago que passa pela intertextualidade com a Bíblia e pela carnavalização continua presente em *Caim*. No segundo item, mira-se a possibilidade de perscrutar os meandros da obra saramaguiana mostrando como ele pinta a imagem de um Deus cruel que obstaculiza a realização da vida humana. Por fim, no último item deseja-se revelar como esse Deus pintado pela pena do autor português pode ajudar na reconversão da imagem de Deus.

### 4.1 Uma reescritura nada sagrada: Intertextualidade e carnavalização em *Caim*

As referências bíblicas, como já foi visto anteriormente, perpassam quase toda a obra do escritor português. Contudo, em 1991 com o lançamento de *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, o autor deu um passo maior na direção da apropriação e subversão do texto bíblico. Passo esse que só se completaria quando da escrita do seu romance mais recente, a saber, *Caim*. Nele, José Saramago pretendeu continuar seu projeto de desconstrução e discussão da matéria bíblica. Como já havia feito isso em relação ao Segundo Testamento cristão, dá continuidade ao seu projeto questionando e desconstruindo o Primeiro Testamento, texto basilar para judeus e cristãos, embora tenham diferenças de ordenamento no índice canônico.

Percebe-se que, na (des)construção de *Caim*, Saramago dá continuidade ao seu projeto intertextual e de carnavalização, ou seja, seu projeto de reescritura. Ele conhece o discurso bíblico, difundido pelas religiões judaico-cristãs e encontra, através da agilidade, sutileza, leveza de pensamento, elementos, caminhos ainda não explorados. Questionar o mundo bíblico e estabelecer novas interpretações

parece ser o seu *modus operandi*. Por isso, estabelece através de suas bases religiosas uma leitura extremamente crítica e incisiva, absorvendo-as não com uma postura passiva e ingênua, mas com traços inovadores.

Não será de outra forma que Saramago apresentará em *Caim* as atrocidades de um deus, ao longo de todo o romance sempre destacado em letras minúsculas, cruel, capaz de ordenar a Abraão que sacrifique o próprio filho ou a destruição de Sodoma e Gomorra. Nesse sentido, o diálogo feito com o texto bíblico se delineará por uma linguagem essencialmente carnavalesca, pois a carnavalização é o elemento que se vale do caráter dialógico da linguagem para reverter e questionar significados.

O roteiro da narrativa de *Caim* é o conjunto de passagens mais obscuras do Primeiro Testamento, nas quais aparece a figura do Deus terrível do Sinai, e do Deus que pede sangue para ser vingado. Se em *O evangelho segundo Jesus Cristo* sua escrita era solene, reservando a Jesus todo o afeto digno de sua humanidade, em *Caim* a sua pena banhada em tinta cáustica vai delineando sem alívios ou subterfúgios o rosto de um Deus tirano.

Adão, Eva e Caim são as personagens escolhidas para dar partida à narrativa de Saramago, justamente por incluírem nas suas biografias a força de se terem rebelado contra o Senhor. A narrativa de *Caim* começa com Adão e Eva, exatamente no momento em que Deus percebe a “gravíssima falta” de não ter contemplado o casal com a linguagem ao contrário de todos os animais do Éden “desfrutavam já de voz própria”<sup>1</sup>. Posteriormente, o foco da narrativa passará para Caim, figura igualmente condenada nos textos sagrados por ter assassinado o irmão, Abel, enciumado por ser este preferido por Deus. No entanto, reescritura saramaguiana se torna ainda mais clara a partir da consciência do narrador que conta os acontecimentos da criação do mundo “com melindres de historiador”<sup>2</sup>, ressaltando, porém, o discurso histórico como falho:

Que eles não disseram aquelas palavras, é mais do que óbvio, mas as dúvidas, as suspeitas, as perplexidades, os avanços e recuos da argumentação estiveram lá. O que fizemos foi simplesmente passar ao português corrente o duplo e para nós irresolúvel mistério da linguagem e do pensamento daquele tempo.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> SARAMAGO, J. *Caim*. São Paulo: Companhia das letras, 2009. p. 9.

<sup>2</sup> Ibid. p. 14.

<sup>3</sup> Ibid. p. 46.

O narrador que questiona a veracidade dos pormenores da história que está sendo contada aponta não somente para a dessacralização da Bíblia, mas também questiona o próprio valor documental do texto. O narrador de *Caim* reflete sobre a situação, de tal maneira que estimula o leitor a rejeitar o significado literal expresso, optando por um significado que o transcende. Narrando ficcionalmente as passagens do Primeiro Testamento, a voz anacrônica em *Caim*, capaz de lançar sobre o enunciado o olhar crítico do presente, tece considerações sobre a lógica e a validade dos acontecimentos descritos na Bíblia, que segundo Saramago deriva de “certificação canônica futura ou fruto de imaginações apócrifas e irremediavelmente heréticas”<sup>4</sup>.

Dessa forma, através do discurso do narrador percebe-se que *Caim* é tecido sobre o pano de fundo da tradição judaico-cristã, redesenhando-a a fim de apresentar outra história possível. Vale observar que o trabalho de reescritura do texto bíblico operado por Saramago com o recurso da carnavalização, já estava presente em suas obras anteriores, como foi visto no capítulo acima. Contudo, em *Caim* se configura como artifício para desconstruir literariamente o Deus cristalizado pelas tradições cristãs.

Essa releitura dos textos sagrados recheada de críticas contundentes, empreendida pelo autor português fica claramente expressa através da epígrafe da obra em questão: “Pela fé, Abel ofereceu a Deus um sacrifício melhor que o de Caim. Por causa da sua fé, Deus considerou-o seu amigo e aceitou com agrado as suas ofertas. E é pela fé que Abel, embora tenha morrido, ainda fala.”<sup>5</sup> Referência que está situada em Hebreus 11,4, que segundo Saramago faz parte do “Livro dos disparates”. Para o escritor português ateu a Bíblia é o livro dos disparates e por isso é preciso recontá-la.

Assim, em *Caim* Saramago inverte essa idéia fazendo com que Abel seja assassinado não pelo motivo alegado na inscrição do livro de *Hebreus*, mas por ter provocado e humilhado Caim. Na reescritura saramaguiana fica claro que não há diferenças qualitativas entre as oferendas de Abel e Caim, tanto quanto não há nas suas intenções ao adorarem ao senhor. No entanto, a preferência deste pela carne oferecida por Abel deu-se de maneira inexplicável. “Estava claro, o senhor

---

<sup>4</sup> Ibid. p. 10.

<sup>5</sup> Ibid. p. 8.

desdenhava caim”<sup>6</sup>. No mundo do texto, se Caim executou seu irmão Abel, Deus é o autor intelectual do crime por ter desprezado a oferta daquele. O que se ressalta na seguinte indagação: “que diabo de deus é esse que, para enaltecer Abel, despreza Caim?”<sup>7</sup>.

A reescritura do texto bíblico na tarefa de desconstruir o deus da tradição cristã na obra em questão pode ser verificada com mais clareza através do diálogo travado por Deus e Caim após o assassinato de Abel. Diálogo este que selará o destino do protagonista e ditará todo o itinerário da narrativa. Desse modo, para evidenciar o projeto do autor português serão destacados, em ordem contínua, o texto do Primeiro testamento e o texto saramaguiano. No texto bíblico lê-se:

Perguntou, pois, o Senhor a Caim: Onde está Abel, teu irmão? Respondeu ele: Não sei; sou eu o guarda do meu irmão? E disse Deus: Que fizeste? A voz do sangue de teu irmão está clamando a mim desde a terra. Agora maldito és tu desde a terra, que abriu a sua boca para da tua mão receber o sangue de teu irmão. Quando lavrares a terra, não te dará mais a sua força; fugitivo e vagabundo serás na terra. Então disse Caim ao Senhor: É maior a minha punição do que a que eu possa suportar. Eis que hoje me lanças da face da terra; também da tua presença ficarei escondido; serei fugitivo e vagabundo na terra; e qualquer que me encontrar matar-me-á. O Senhor, porém, lhe disse: Portanto quem matar a Caim, sete vezes sobre ele cairá a vingança. E pôs o Senhor um sinal em Caim, para que não o ferisse quem quer que o encontrasse.<sup>8</sup>

Já nas linhas de *Caim*, lê-se:

Que fizeste com o teu irmão, perguntou, e Caim respondeu com outra pergunta, Era eu o guarda-costas de meu irmão, Mataste-o, Assim é, mas o primeiro culpado és tu, eu daria a vida pela vida dele se tu não tivesses destruído a minha, Quis pôr-te à prova, E tu quem és para pores à prova o que tu mesmo criaste, Sou dono soberano de todas as coisas, E de todos os seres, dirás, mas não de mim nem da minha liberdade, Liberdade para matar, Como tu fostes livre para deixar que eu matasse a Abel quando estava na tua mão evitá-lo, bastaria que por um momento abandonasses a soberba da infalibilidade que partilhas com todos os outros deuses, bastaria que por um momento fosses realmente misericordioso, que aceitasses a minha oferenda com humildade, só porque não deverias atrever-te a recusá-la, os deuses, e tu como todos os outros, têm deveres para com aqueles a quem dizem ter criado, Esse discurso é sedicioso, É possível que o seja, mas garanto-te que, se eu fosse deus, todos os dias diria Abençoados sejam os que escolheram a sedição porque deles será o reino da terra, Sacrilégio, Será, mas em todo o caso nunca maior do que o teu, que permitiste que Abel morresse, Tu é que o mataste, Sim, é verdade, eu fui o braço executor, mas a sentença foi ditada por ti [...] Deus está inocente, tudo seria igual se não existisse, Mas eu, porque matei, poderei ser morto por qualquer pessoa que me encontre, Não será assim, farei um acordo contigo, Um acordo com o réprobo, perguntou Caim, mal acreditando no que acabara de ouvir, Diremos que é um acordo de responsabilidade partilhada pela morte de Abel, Reconheces então a tua culpa, Reconheço, mas não o digas a ninguém, será um segredo entre deus e caim.<sup>9</sup>

<sup>6</sup> Ibid. p. 33.

<sup>7</sup> Ibid. p. 35.

<sup>8</sup> BÍBLIA, A. T. *Gênesis*. Português. Bíblia sagrada. Versão de João ferreira de Almeida revisada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. Cap. 4, vers. 9-15.

<sup>9</sup> SARAMAGO, J. *Caim*. p.35.

Saramago utiliza o texto bíblico como intertexto e o subverte. Na nova escritura nada sagrada de Saramago Deus não protege Caim por compaixão, mas por ter sido dobrado pela retórica do protagonista e reconhecido sua parcela de culpa no assassinato de Abel. O crime de Caim, contudo, encontra uma justificativa: matar ao irmão por não poder matar àquele, a saber, Deus, que o condena a uma existência fadada ao fracasso.

O crime cometido contra Abel será apenas o começo de uma vida pontuada por transgressões. Afinal, o personagem que dá nome ao romance percorre um imenso itinerário por meio de um poder concedido por deus: o de se deslocar através do tempo, podendo revisitar o passado e conhecer o futuro. Através desse percurso trava uma batalha com Deus. Ao passar por cidades decadentes, palácios e campos de batalha, Caim vai descobrindo o poder de manipulação de Deus que, para ele, é tão pecador quanto os homens. Nesse sentido, o criador se igualaria a suas criações, tese que ele tenta provar durante seu percurso. Assim, a questão desvelada pelo sentido da vida que segundo os pensamentos cristãos mais conservadores se resolve através da supremacia inquestionável dos propósitos de Deus é colocada em xeque ao longo de todo o romance.

Em suma, é justamente a utilização do texto bíblico como intertexto no projeto de reescritura carnalizada que vai desenhando a possibilidade de se entrever em *Caim* a imagem do Deus sanguinário e cruel que vai se formando e se configurando como fio condutor de toda a narrativa.

Dessa forma cabe ressaltar que tanto o narrador consciente dos fatos, quanto os personagens são de extrema importância para a reescritura de Saramago. O narrador saramaguiano elege para protagonizar sua narrativa as personagens eleitas pela tradição cristã como exemplos de má conduta. São elas: Adão, Eva e Caim, sem mencionar as personagens que, em menor estância, influem na construção ideológica do romance, como a mulher de Ló, por exemplo. Contudo, no contexto da narrativa essas personagens se elevam justamente na oposição a um Deus que se mostra infanticida, egocêntrico, cruel e egoísta.

## 4.2

### O projeto a-teológico em *Caim*: teologia às avessas

A primeira parte da narrativa se dá através da história recontada do protocasal, a saber, Adão e Eva. Saramago inicia sua reescritura questionando esse Deus que “nunca deve ter tido a menor noção do que possa vir a ser uma justiça humana”<sup>10</sup> ao mostrá-lo irritado por notar que deixou Adão e Eva sem fala, como mostra o primeiro parágrafo da narrativa:

Quando o senhor, também conhecido como deus, se apercebeu de que adão e eva, perfeitos em tudo o que apresentavam à vista, não lhes saía uma palavra da boca nem emitiam ao menos um simples som primário que fosse, teve de ficar irritado consigo mesmo, uma vez que não havia mais ninguém no jardim do éden a quem pudesse responsabilizar pela gravíssima falta, quando os outros animais, produtos, todos eles, tal como os dois humanos, do faça-se divino, uns por meio de rugidos e mugidos, outros por roncos, chilreios, assobios e cacarejos, desfrutavam já de voz própria. Num acesso de ira, surpreendente em que tudo poderia ser solucionado com outro rápido Fiat, correu para o casal e, um após outro, sem contemplações, sem meias medidas, enfiou-lhes a língua pela garganta abaixo.<sup>11</sup>

O autor português é sarcástico em suas colocações como a que se lê acima acerca do modo como introduziu a fala em seus personagens Adão e Eva. Além disso, a pouca importância dada por Deus a sua criação pode ser observada nas primeiras páginas do romance ao quando este se despede friamente de Adão e Eva: “Até logo, e foi à sua vida.”<sup>12</sup>

Saramago continua a ironizar os poderes falíveis de Deus ao relatar que Set, terceiro filho de Adão e Eva só viria ao mundo depois de cento e trinta anos, “não porque a gravidez materna precisasse de tanto tempo para rematar a fabricação de um novo descendente, mas porque as gônadas do pai e da mãe, os testículos e o útero respectivamente, haviam tardado mais de um século a amadurecer e a desenvolver suficiente potência generativa.”<sup>13</sup>

Além disso, segundo o narrador, Deus visitava pouco Adão e Eva, que se sentiam sós. A primeira visita teria ocorrido para saber de suas instalações domésticas; a segunda, para verificar se tinham se beneficiado da vida campestre e a terceira, para avisar que demoraria a voltar porque viajaria por outros paraísos existentes no céu.<sup>14</sup>

<sup>10</sup> Ibid. p. 129.

<sup>11</sup> Ibid. p. 9.

<sup>12</sup> Ibid. p. 11.

<sup>13</sup> Ibid. p. 11.

<sup>14</sup> Cf. Ibid. p. 12.

A volta de Deus só acontece para expulsar o casal do jardim do éden “pelo crime nefando de terem comido do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Este episódio que deu origem à primeira definição de um aí ignorado pecado original, nunca ficou bem explicado.”<sup>15</sup> Aqui Saramago põe um ponto de interrogação sobre a moral forjada pelo cristianismo. Através da fala do narrador desmistifica o relato do livro de *Gênesis* que dá origem a toda elaboração sobre o que a teologia cristã conhece como Pecado Original, resumindo três motivos pelos quais o fato de os homens terem herdado o pecado de Adão e Eva não encontra justificativa razoável:

Em primeiro lugar, mesmo a inteligência mais rudimentar não teria qualquer dificuldade em compreender que estar informado sempre será preferível a desconhecer, mormente em matérias tão delicadas como são estas do bem e do mal, nas quais qualquer um se arrisca, sem dar por isso, a uma condenação eterna num inferno que então ainda estava por inventar. Em segundo lugar, brada aos céus a imprevidência do senhor, que se realmente não queria que lhe comessem do tal fruto, remédio fácil teria, bastaria não ter plantado a árvore, ou ir pô-la noutra sítio, ou rodeá-la por uma cerca de arame farpado. E, em terceiro lugar, não foi por terem desobedecido à ordem de deus que Adão e Eva descobriram que estavam nus. Nuzinhos, em pelota estreme, já andavam quando iam para a cama, e se o senhor nunca havia reparado em tão evidente falta de pudor, a culpa era da sua cegueira de progenitor, a tal, pelos vistos incurável, que nos impede de ver que os nossos filhos, no fim de contas, são tão bons ou tão maus como os demais.<sup>16</sup>

De tal modo, Saramago ironicamente desestabiliza a fala cristã sobre o pecado original. Ou seja, questiona a credibilidade do discurso cristão em relação à culpa da humanidade herdada de Adão e Eva e, de certa forma, denuncia o caráter manipulador e tirano da religião que aprisiona o homem dentro de sua própria consciência culpada. Nesse sentido, o lusófono se aproxima de algumas teologias quando estas fazem o diagnóstico de que a religião cristã tem se baseado numa pastoral do medo que fomenta a imagem de um Deus tirano.<sup>17</sup>

Na narrativa saramaguiana é possível vislumbrar essa relação quando Deus aparece para argüir o protocal sobre o pecado cometido.

Anunciado por um estrondo de trovão, o senhor fez-se presente. Vinha trajado de maneira diferente da habitual, segundo aquilo que seria, talvez, a nova moda imperial do céu, com uma coroa tripla na cabeça e empunhando o ceptro como um cacete. Eu sou o senhor, gritou, eu sou aquele que é(...) Quem desobedeceu as minhas ordens, quem foi pelo fruto da minha árvore, perguntou deus, dirigindo directamente a Adão um olhar coruscante, palavra

<sup>15</sup> Ibid. p. 12.

<sup>16</sup> Ibid. p. 13.

<sup>17</sup> Destaca-se aqui o pensamento de Rubio, quando afirma que o pecado foi muito mais ressaltado do que a experiência do perdão. Inclusive as catástrofes e os males eram atribuídos ao pecado o que fez a culpabilização crescer sem limites. “Certamente a pedagogia do medo tinha como objetivo a conversão dos pecadores. “Culpabilizar para salvar”. Esta frase resume bem a pastoral do medo.” RUBIO, A. *A caminho da maturidade na experiência de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 188.

desusada mas, expressiva como as que mais o forem. Desesperado o pobre homem tentou, sem resultado, tragar a maçã que o delatava, mas a voz não lhe saiu, nem para trás nem para adiante. Responde, tornou a voz colérica o senhor, ao mesmo tempo que brandia ameaçadoramente o ceptro. Fazendo das tripas coração consciente do feio que era por as culpas em outrem, adão disse, A mulher que tu me deste para viver comigo é que me deu o fruto dessa árvore e eu comi. Revolveu-se o senhor contra a mulher e perguntou, Que fizeste tu, desgraçada, e ela respondeu, A serpente enganou-me e eu comi(...) Muito bem, disse o senhor, já que assim o quiseram assim o vão ter, a partir de agora acabou-se-lhes a boa vida, tu eva não só sofrerás todos os incômodos da gravidez, incluindo os enjôos, como parirás com dor, e não obstante, sentirás atracção pelo teu homem e ele mandará em ti, Pobre eva, começa mal, triste destino vai ser o seu, disse eva, Devias tê-lo pensado antes, e quanto à tua pessoa, adão, a terra ficou amaldiçoada por tua causa, e será com grande sacrifício que dela conseguirás tirar alimento durante toda a tua vida, só produzirá espinhos e cardos, e tu terás de comer a erva que cresce no campo, só a custa de muitas bagas de suor conseguirás arranjar o necessário para comer, até que um dia te venhas a transformar de novo em terra, pois dela foste formado, na verdade, mísero adão, tu és pó e ao pó um dia retornará.<sup>18</sup>

Contudo, nesta extravagante aparição do “senhor” para questionar Adão e Eva sobre o fato de terem comido o fruto da árvore proibida, pode-se entrever outra desconstrução operada por Saramago. O escritor desconstrói o suposto elo entre o dito conhecimento do bem e do mal e a sexualidade, já que “desde o primeiro dia souberam que estavam nus e disso bem se haviam aproveitado”.<sup>19</sup> Inclusive, a primeira frase a ser dita pelo Adão saramaguiano à sua Eva, tão logo Deus reparou o grave erro que fora o de se ter esquecido de dar a capacidade de fala às suas criaturas humanas, foi: “Vamos para a cama.”<sup>20</sup>

Assim, pode-se dizer que a essencialmente desestabilizadora narrativa de *Caim* ganha força na reelaboração dos textos originais, cujo foco principal será a desconstrução da figura do “senhor”, mas também a inversão da ordem de valores que fora outrora fixada, como a compreensão em relação ao Pecado Original. Dessa forma, na ficção saramaguiana se pode chegar à conclusão de que o único motivo relevante para ter Deus tomado a atitude de expulsar Adão e Eva do paraíso encontra justificativa mais razoável no fato de que sua soberania absoluta encontrou-se subitamente ameaçada. Conclusão esta que na narrativa saramaguiana corrobora o projeto de desconstruir Deus.

Assim, vale destacar também que o que ocorre em *Caim* é que o narrador consegue este efeito de desconstrução na medida em que apela para a associação de fatos corriqueiros e banais a pessoa do “senhor” que não seriam adequados à sua onisciência e que acabam por torná-lo pequeno ou, melhor, nem tão grandioso

<sup>18</sup> SARAMAGO, J. *Caim*. p.18.

<sup>19</sup> *Ibid.* p.18.

<sup>20</sup> *Ibid.* p. 11.



assim. Basta citar o esquecimento por parte de Deus de ter dado a Adão e Eva um detalhe estético como um umbigo que “desfeava seriamente as suas criaturas”<sup>21</sup>, ambos rematados posteriormente à criação. Essa transposição da imagem de um Deus onipotente para a de um que, no fim das contas, não é tão soberano quanto se supunha, é ação contínua ao longo do romance.

Ademais, ressalta-se que essa desconstrução saramaguiana através da reescritura não se dá apenas em relação a Deus, mas a tudo o que diz respeito de algum modo ao contexto sagrado, conforme se pode ver no episódio em que Eva convence o querubim que guardava a entrada do Éden a ajudá-la a conseguir algumas frutas.

Eva retirou a pele de cima dos ombros e disse, Usa isto para trazeres a fruta. Estava nua da cintura para cima. A espada silvou com mais força como se tivesse recebido um súbito afluxo de energia, a mesma energia que levou o querubim a dar um passo para frente, a mesma que o fez erguer a mão esquerda e tocar no seio da mulher. Nada mais sucedeu, nada podia suceder, os anjos, enquanto o sejam, estão proibidos de qualquer comércio carnal, só os anjos que caíram são livres de ajuntar-se a quem queiram e a quem os queira. Eva sorriu, pôs a mão sobre a mão do querubim e premiu-a suavemente contra o seio. O seu corpo estava coberto de sujidade, as unhas negras como se as tivesse usado para cavar a terra, o cabelo como um ninho de enguias entrelaçadas, mas era mulher, a única. O anjo havia entrado no jardim, demorou-se lá o tempo necessário para escolher os frutos mais nutrientes, outros ricos em água, e voltou ajoujado sob uma boa carga.<sup>22</sup>

Fato que de acordo com o narrador de Caim, gerará futuramente alguns questionamentos: “Quando Abel nascer, todos os vizinhos irão estranhar a rosada brancura com que veio ao mundo, como se fosse filho de anjo, ou de um arcanjo, ou de um querubim, salvo seja.”<sup>23</sup>

Em suma, através da entrada em cena dos primeiros personagens e das primeiras assertivas do narrador fica claro o projeto desconstrutor da reescrita saramaguiana. Seu objetivo é mostrar como esse Deus é uma farsa.

Aqui entra em cena a personagem que dá nome ao romance. Sua história se desenrola a partir da preferência de Deus por seu irmão Abel. Deus aceita o sacrifício de Abel e rejeita o de Caim, assim, este mata aquele. No entanto, conforme já se falou anteriormente Saramago reconta a história bíblica e confronta a tradição realizando uma releitura do conflito dramático entre os irmãos sob a ótica do fratricida, trazendo Deus como autor intelectual do crime. Afinal, prefere um ao outro e não interfere na hora do homicídio. Ou seja, na

<sup>21</sup> Ibid. p. 15.

<sup>22</sup> Ibid. p. 25.

<sup>23</sup> Ibid. p. 30.

perspectiva saramaguina Deus é tão culpado quanto Caim.<sup>24</sup> Assim, ao receber sua condenação Caim ganha uma marca na testa, sinal da proteção de Deus, porque também este reconhece sua parcela de culpa na morte de Abel.

Que fizeste com o teu irmão perguntou, e caim respondeu com outra pergunta, Era eu o guarda-costas de meu irmão, Mataste-o, Assim é, mas o primeiro culpado és tu, eu daria a vida pela vida dele se tu não tivesses destruído a minha, Quis por-te à prova, E tu quem és para pões à prova o que tu mesmo criaste, Sou o dono soberano de todas as coisas, E de todos os seres, dirás, mas não de mim nem de minha liberdade, Liberdade para matar, Como tu foste livre para deixar que eu matasse a Abel quando estava na tua mão evitá-lo, bastaria que por um momento abandonasses a soberba da infalibilidade que partilhas com todos os outros deuses, bastaria que por um momento fosses realmente misericordioso, que aceitasses a minha oferta com humildade, só porque não deverias atrever-te a recusá-la, os deuses, e tu como todos os outros, tem deveres para com aqueles a quem dizem ter criado, Esse discurso é sedicioso, É possível que o seja, mas garanto-te, se eu fosse Deus, todos os dias diria Abençoados sejam os que escolheram a sedição porque deles será o reino da terra, Sacrilégio, Será, mas em todo caso nunca maior que o teu, que permitiste que Abel morresse, Tu é que o mataste, sim é verdade eu fui o braço executor, mas a sentença foi dita por ti. O sangue que aí está aí não o fiz verter eu, caim podia ter escolhido entre o bem e o mal, se escolheu o mal pagará por isso, Tão ladrão é o que vai a vinha como aquele que fica a vigiar o guarda, disse caim, E esse sangue reclama vingança, insistiu Deus, Se é assim, vingarte-ás ao mesmo tempo de uma morte real e de outra que não chegou a haver, Explicaste, Não gostarás do que vais ouvir, Que isso não te importe, fala, É simples, matei Abel porque não podia matar-te a ti, pela intenção estás morto, Compreendo o que queres dizer, mas a morte está vedada aos deuses, Sim embora devessem carregar com todos os nomes cometidos em seu nome e por sua causa, Deus está inocente, tudo seria igual se não existisse, Mas eu porque matei poderei ser morto por qualquer pessoa que me encontre, Não será assim, farei um acordo contigo, Um acordo com o réprobo, perguntou caim, mal acreditando no que acabara de ouvir, Diremos que é um acordo de responsabilidade partilhada pela morte de Abel, Reconheces então a tua parte de culpa Reconheço mas não o digas a ninguém, será um acordo entre Deus e caim(...).<sup>25</sup>

A partir daí, Caim recebe uma marca, uma pequena mancha negra, e no intuito de reinterpretar as narrativas bíblicas Saramago faz do personagem um viajante do tempo e do espaço. A punição para Caim foi de andar errante pela terra.<sup>26</sup> Mas não somente preso ao presente. Antes, esse andar é um andar no tempo e espaço, pois, no romance, Caim percorre diversas narrativas do Primeiro Testamento. Segundo Salma Feraz,

Caim é antes de tudo, um errante das eras e da fé: viaja primeiramente para o futuro, e depois para o passado daquele futuro. Enquanto os cientistas da série americana viajavam tele transportados dentro de um túnel, Caim viaja de jumento, entrando e saindo de uma era para outra. Sai de uma paisagem seca e desértica, e, como numa divisão, chega à outra paisagem cheia de água, frutas e nuvens. Ele próprio desconfia que algo está diferente, como se houvesse dois tempos, presentes passados e presentes por vir.<sup>27</sup>

<sup>24</sup> Cf. *Ibid.* p. 34-36.

<sup>25</sup> *Ibid.* p. 35.

<sup>26</sup> Cf. *Ibid.* p. 35.

<sup>27</sup> FERRAZ, S. *Caim decreta a morte de Deus*. In: FERREIRA, A. M. (org.). *Teografias*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2012, v. 1, p. 119.

Aqui serão percorridas só as passagens que divergem do texto bíblico, porque Saramago usa textualmente muitas falas bíblicas na íntegra. Ou seja, o fio condutor da reflexão nesse tópico continua a perseguir a reescritura saramaguiana.

O primeiro local por onde Caim passa é a terra de Nod. Lá, envolve-se com Lilith, embora tivesse sido advertido a não fazê-lo para preservar a vida. Caim não se importa, porque sabia que ninguém poderia tirar sua vida, já que carregava o sinal divino, barganhado com Deus. Na cidade se identifica pelo nome do irmão, Abel. Trabalha como pisador de barro e fica sabendo que o senhor daquelas terras é uma Senhora: Lilith, mulher de Noah, da qual “diz-se que é bruxa, capaz de endoidecer um homem com seus feitiços.”<sup>28</sup>

Lilith, aos olhos de Saramago, é uma mulher devassa. Na Bíblia, Lilith aparece em Isaías 34.14 como parte da descrição do dia da vingança do senhor. Sua figura é comumente associada à procriação.

Segundo a pesquisa de Salma Ferraz,

Lilith figura como um demônio da noite nas escrituras hebraicas (Talmud e Midrash). Lilith é, também, referida na Cabala como a primeira mulher de Adão, sendo que em uma passagem, ela é acusada de ser a serpente que levou Eva a comer do fruto proibido. No folclore popular hebreu medieval, ela é tida como a primeira esposa de Adão, que o abandonou, partido do Jardim do Éden por causa de uma disputa, vindo a tornar-se mãe dos demônios. De acordo com certas interpretações da criação humana em Gênesis, no Velho Testamento, reconhecendo que havia sido criada por Deus com a mesma matéria prima, Lilith rebelou-se, recusou-se a “ficar sempre em baixo durante as suas relações sexuais”. Na modernidade, isso levou a popularização da noção de que Lilith foi a primeira mulher a rebelar-se contra o sistema patriarcal.<sup>29</sup>

É essa a referência que Saramago tem ao desenhar a sua personagem que nas veias da sua narrativa é destacada na qualidade de mulher insaciável, como demonstra o narrador ao contar a primeira noite de sexo entre Caim e a amante: “lilith era insaciável, as forças de Caim pareciam inesgotáveis.”<sup>30</sup>

Lilith se encanta por Caim, a quem conheceu como Abel, um catador de barro e só depois descobre a farsa, o que não diminui em nada o seu desejo por Caim, conforme ela mesma declara: “vejo em ti um homem a quem o senhor ofendeu, e, agora que já sei como realmente te chamas (...) foste o Abel que conheci entre os meus lençóis, agora és o Caim que me falta conhecer.”<sup>31</sup> Isto só ocorre porque Caim é emboscado pelos homens de Noah que sofre calado de

<sup>28</sup> SARAMAGO, J. *Caim*. p. 51.

<sup>29</sup> FERRAZ, S. op. cit. p. 121.

<sup>30</sup> SARAMAGO, J. op. cit. p. 60.

<sup>31</sup> *Ibid.* p. 67.

ciúmes dos amantes de Lilith consentidos por ele mesmo a troco de que lhe dessem um filho já que era estéril.<sup>32</sup>

Lilith ainda bola um plano para matar seu marido, mas caim se recusa a participar. Mais tarde, ela anuncia que está grávida. O filho é de Caim, mas efetivamente será filho do Noah. A história dos dois não termina aí. Depois de dez anos Caim retorna de sua viagem no tempo encontra seu filho Enoch, conta um resumo de suas andanças, mas não fica ali.<sup>33</sup>

Foi justamente nessa personagem mítica, cujo nascimento remonta à anterioridade dos tempos, esta mulher que se apresenta como uma força contrária à bondade e masculinidade de Deus, que Saramago foi buscar a mulher de Caim. E, é através da fala de Lilith, quando Caim lhe conta sobre o que havia acontecido em Sodoma e Gomorra, que o escritor questiona a visão androcêntrica que fez das mulheres muitas vezes vítimas da história:

Que Sodoma era essa, perguntou lilith, A cidade onde os homens preferiam os homens às mulheres, E morreu toda gente por causa disso, Toda, não escapou uma alma, Até as mulheres que esses homens desprezavam, tornou a perguntar, Sim, Como sempre, às mulheres, de um lado lhes chove, do outro lhes faz vento.<sup>34</sup>

Depois do primeiro encontro com Lilith, Caim viaja no tempo e o episódio visitado por ele é o do sacrifício de Isaac. Nele, ao alterar a dinâmica dos fatos relatados nas escrituras judaico-cristãs, Saramago faz o anjo enviado pelo Deus chegar tarde por conta de um problema mecânico em uma das asas e Caim lhe fazer às vezes: “Quem é você, Sou caim, sou o anjo que salvou a vida de Isaac.”<sup>35</sup> O narrador aproveita para realçar na narrativa a linha que separa moralmente as esferas do humano e do divino, rebaixando este último ao tornar o anjo alvo do ridículo, que é outro traço da carnavalização.

Contudo, importa ressaltar que o narrador também chama a atenção para o caráter igualmente duvidoso de Abraão ao aceitar sem hesitar as ordens de sacrificar seu filho.

O leitor leu bem, o senhor ordenou a abraão que lhe sacrificasse o próprio filho, com a maior simplicidade o fez, como quem pede um copo de água quando tem sede, o que significa que era costume seu, e muito arraigado. O lógico, o natural, o simplesmente humano seria que abraão tivesse mandado o senhor à merda, mas não foi assim.<sup>36</sup>

<sup>32</sup> Cf. Ibid. p. 64-67.

<sup>33</sup> Cf. Ibid. p. 123-131.

<sup>34</sup> Ibid. p. 129.

<sup>35</sup> Ibid. p. 80.

<sup>36</sup> Ibid. p. 79.

Note-se que o narrador elege a palavra “humano” para expressar a virtude que se esperava não apenas do personagem Abraão, mas de qualquer pessoa que se visse na mesma situação. Assim, Abraão representa a índole insensível do ser humano que se deixa conduzir pela amoralidade de um Deus que exige o sacrifício humano.

De fato, esse episódio bíblico é marcante e a primeira vista parece paradigmaticamente apontar para um Deus pavoroso. Sua importância pode ser comprovada através da reflexão de grandes pensadores como, por exemplo, Kant e Kierkegaard.<sup>37</sup> Queiruga, que procura repensar a imagem de Deus a partir de uma leitura não literalista do texto bíblico, afirma que o sacrifício de Isaac constitui um caso modelar por sua própria força grandiosidade e que poucos relatos da literatura universal fazem pensar o temor da criatura diante de Deus.<sup>38</sup>

Ainda sobre esse episódio na narrativa saramaguiana, vale destacar que logo após o filho de Abraão ter sido salvo por Caim, o anjo fracassado anuncia a mensagem enviada pelo Senhor de que, por conta da obediência de Abraão, não somente o próprio seria imensamente abençoado e agraciado como toda a sua geração seguinte e ainda todos os povos do mundo, ao que Caim comenta: “Estas, para quem não saiba ou finja ignorá-lo, são as contabilidades duplas do senhor, onde uma ganhou, a outra não perdeu, fora isso não compreendo como irão ser abençoados todos os povos do mundo só porque Abraão obedeceu a uma ordem estúpida.”<sup>39</sup>

Na trama do escritor português as contabilidades de Deus se estendem sem razão aparente, pois este faz toda uma geração futura receber as consequências de um erro ou acerto através de suas vontades e julgamentos incompreensíveis. Por esse ponto de vista, a missão de Jesus Cristo como redentor dos pecados da humanidade teria sido em vão. O sacrifício de Cristo, assim como o de Isaac, teria sido fruto da prepotência divina e é exatamente nisto que acredita o narrador de *Caim*, que reflete sobre o assunto através de um diálogo imaginado entre Abraão e Isaac:

Imaginemos um diálogo entre o frustrado verdugo e a vítima salva in extremis. Perguntou Isaac, Pai, que mal te fiz eu para teres querido matar-me, a mim que sou o teu único filho,

<sup>37</sup> Cf. QUEIRUGA, A. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus: por uma nova imagem de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 76-85.

<sup>38</sup> Cf. Ibid. p. 73.

<sup>39</sup> SARAMAGO, J. *Caim*. p. 81.

Mal não me fizeste, isaac, Então porque quiseste cortar-me a garganta como se eu fosse um borrego, perguntou o moço, se não tivesse aparecido aquele homem para segurar-te o braço, que o senhor o cubra de bênçãos, estarias agora a levar um cadáver para casa, A ideia foi do senhor, que queria tirar a prova, A prova de quê, Da minha fé, da minha obediência, E que senhor é esse que ordena a um pai que mate o seu próprio filho, É o senhor que temos, o senhor dos nossos antepassados, o senhor que já cá estava quando nascemos, E se esse senhor tivesse um filho, também o mandaria matar, perguntou Isaac, O futuro o dirá.<sup>40</sup>

Mais uma vez é exposta a fragilidade divina, já que o enviado de Deus não consegue dar conta de seu dever. Isaac questiona o pai por seu ato e diz não entender o cristianismo. Na narrativa, fica clara a tentativa de se questionar esse Deus que cruelmente pede a Abraão que sacrifique seu filho, o que geraria um tormento a qualquer pai, mesmo que depois volte atrás.

No entanto, o ataque saramaguiano também é desferido contra a concepção de que Deus teria soberanamente ordenado a morte de seu próprio filho sem aparecer na última hora para salvá-lo, como no caso de Isaac. Ao fazer isso, Saramago tem em mente a teologia da satisfação compensatória. Nesta teologia, a morte de Jesus parece interessar mais a Deus que a humanidade, porque é uma forma de reparar a honra de Deus pelo pecado original cometido pelo ser humano. Partindo dessa teologia, o escritor português concebe o Deus cristão como aquele que se preocupa somente consigo mesmo. Pois, o que interessou a Deus não foi a vida de Jesus ou a redenção do gênero humano, mas a sua honra reparada.

Essa é, sem dúvida, outra porta aberta para o diálogo com a obra do ganhador do Nobel de literatura já que a própria teologia cristã tem procurado repensar a morte de Jesus de Nazaré na reflexão cristológica fugindo aos esquemas de redenção que brotam de imagens de um Deus determinista que exige um sacrifício como satisfação.<sup>41</sup>

---

<sup>40</sup> Ibid. p. 82.

<sup>41</sup> Vale ressaltar aqui o esforço de F. Varone. A tese defendida pelo autor é a de que o sangue e o sacrifício de Jesus devem ser tirados do contexto da satisfação para se chegar aos seus reais sentidos dentro da revelação. Ou seja, quanto a Jesus ter uma proposta libertadora e salvadora, não há dúvidas. No entanto, a redução dessa proposta ao esquema da satisfação é que a torna insuficiente. Segundo Varone, a satisfação isola a morte de Jesus, e a torna apenas um acontecimento dentro de uma estrutura jurídica, a saber: a relação compensatória, exigida por Deus, entre o sofrimento de Jesus e os pecados dos homens. Esse modelo se baseia na absurda premissa, de que somente a morte do filho de Deus feito humano poderia reparar a ofensa infinita feita ao Deus infinito pelos homens. Dessa forma, Deus enviaria seu filho, o único inocente entre os homens, para que sua morte servisse totalmente a satisfação. Ou seja, Varone descarta a possibilidade da redução da obra de Jesus como recurso jurídico cooptada pela teoria da satisfação e resgata a dinâmica da sua morte vista em íntima ligação com sua existência histórica e sua ressurreição. Cf. VARONE, F. *Esse Deus que dizem amar o sofrimento*. Aparecida: Santuário, 2001. p. 9-26.

Logo após interferir no sacrifício de Isaac, Caim é levado para outro tempo, no qual presencia o episódio da Torre de Babel. Segundo a narrativa bíblica no *Gênesis*, a Torre de Babel foi uma construção monumental erigida por um dos povos primordiais com o objetivo de não ficarem espalhados sobre a Terra, mas abrigados na Torre, cujo cume seria alto o bastante para chegar próximo ao céu. Deus teria interrompido este projeto ao confundir suas línguas e espalhar o povo sobre a Terra, com o propósito de que eles a povoassem. Este mito seria a versão bíblica para explicar a existência da diversidade de idiomas e raças.

Na narrativa de *Caim*, porém, o mito da Torre de Babel vem para corroborar a imagem de um Deus ciumento obcecado pela própria onipotência. Ao destruir a Torre e confundir as línguas, Deus instaura o caos e a revolta. Assim Caim mais uma vez dá o seu diagnóstico: “O ciúme é o seu grande defeito, em vez de ficar orgulhoso dos filhos que tem, preferiu dar voz à inveja, está claro que o senhor não suporta ver uma pessoa feliz.”<sup>42</sup>

O narrador corroborando esta perspectiva ressalta:

Muitos anos depois se dirá que caiu ali um meteorito, um corpo celeste, dos muitos que vagueiam pelo espaço, mas não é verdade, foi a torre de babel, que o orgulho do senhor não conseguiu que terminássemos. A história dos homens é a história dos seus desentendimentos com deus, nem ele nos entende a nós, nem nós o entendemos a ele.<sup>43</sup>

Aqui mais uma vez através Saramago afirma o seu projeto desconstrutor. Deus segundo a sua impressão, ou melhor, segundo a impressão que lhe foi causada pelo cristianismo com que teve contato, é ciumento, vil e sedento de poder.

Posteriormente, Caim viaja para as proximidades de Sodoma e Gomorra. Reencontra Abraão, mas este não o reconhece. Afinal, Isaac ainda não nasceu, Deus ainda não ordenou seu sacrifício e Caim ainda não o salvou. Essa estratégia é utilizada pelo escritor para fazer com que Caim percorra milênios e perpassa os mitos judaico-cristãos. Ou seja, a cronologia pouco importa. Passado, presente e futuro se misturam nas linhas da narrativa.

Sodoma e Gomorra são duas cidades com hábitos homossexuais, cuja queda Caim e Abraão assistirão acompanhados de dois anjos enviados por Deus. Condenando culpados e inocentes, Deus ordena que as cidades sucumbam em

<sup>42</sup> SARAMAGO, J. *Caim*. p. 86.

<sup>43</sup> *Ibid.* p. 88.

chamas. Contudo, Ló e sua família são poupados por terem obedecido ao “senhor” e servido em seu propósito. Os anjos mensageiros alertam Ló para que fuja sem olhar para trás. Neste momento o narrador se faz presente e comenta assim o famoso episódio da mulher de Ló convertida em estátua de sal:

Até hoje ainda ninguém conseguiu compreender por que foi ela castigada desta maneira, quando tão natural é querermos saber o que se passa nas nossas costas. É possível que o senhor tivesse querido punir a curiosidade como se se tratasse de um pecado mortal, mas isso também não abona muito a favor da sua inteligência, veja-se o que sucedeu com a árvore do bem e do mal, se eva não tivesse dado o fruto a comer a adão, se não o tivesse comido ela também, ainda estariam no jardim do éden, com o aborrecimento que aquilo era.<sup>44</sup>

Dessa forma, o narrador saramaguiano absolve a mulher de Ló no seu discurso ao contrapor a curiosidade feminina recriminada nos mitos judaico-cristãos à salutar vontade inerentemente humana de se aventurar no desconhecido. Além disso, a imagem do Jardim do Éden enquanto paraíso imaculado e espaço de perfeição é impiedosamente questionada, uma vez que o marasmo e a improdutividade que ali reinavam não pareciam, segundo o narrador de *Caim*, agradar a Adão e Eva.

Em seguida, Caim passa pelo deserto de Sinai e ouve o plano de Aarão, irmão de Moisés, para fazer um bezerro de ouro, a pedido do povo que clamava: “Anda, faz-nos uns deuses que nos guiem, porque não sabemos o que sucedeu a Moisés.”<sup>45</sup> Aarão então confecciona o bezerro que recebe a adoração do povo. Quando Moisés regressa, o irmão se justifica, alegando acreditar que ele não retornaria, mas as consequências são funestas:

Moisés proclamou, Eis o que diz o senhor, deus de Israel, pegue cada um numa espada, regressem ao acampamento e vão de porta em porta, matando cada um de vocês o irmão, o amigo, o vizinho. E foi assim que morreram cerca de três mil homens. O sangue corria entre as tendas como uma inundação que brotasse do interior da própria terra, como se ela própria estivesse a sangrar, os corpos degolados, esventrados, rachados de meio a meio, jaziam por toda a parte, os gritos das mulheres e das crianças eram tais que deviam chegar ao cimo do monte sinai onde o senhor se estaria regozijando com a sua vingança.<sup>46</sup>

O foco narrativo se volta novamente para as percepções de Caim:

Não bastavam Sodoma e Gomorra arrasadas pelo fogo, aqui, no sopé do monte Sinai, ficara patente a prova irrefutável da profunda maldade do senhor, três mil homens mortos só porque ele tinha ficado irritado com a invenção de um suposto rival em figura de bezerro. Eu não fiz mais que matar um irmão e o senhor castigou-me, quero ver agora quem vai castigar o senhor por estas mortes pensou caim.<sup>47</sup>

<sup>44</sup> Ibid. p. 97.

<sup>45</sup> Ibid. p. 99.

<sup>46</sup> Ibid. p. 101.

<sup>47</sup> Ibid. p. 101.



No entanto, não para aí, mas complementa sua argumentação contra as atitudes violentas de Deus afirmando que Lúcifer sabia bem o que estava fazendo quando se rebelou contra Deus. De acordo com a personagem, Lúcifer não invejava o senhor, mas conhecia seu caráter maligno. Saramago através da assertiva contundente de Caim coloca Lúcifer, nesse romance sempre com letra maiúscula, superior a Deus.

A moral do “senhor” é ainda ironizada na passagem em que Caim escuta boatos sobre o escandaloso caso de incesto entre Ló e as filhas, e questiona a ira divina que se volta tão facilmente contra inocentes, mas deixa passar impunemente atos como esse. Diante da notícia ele diz que isso não é surpresa alguma “à luz de uma natureza ainda não dotada de códigos morais e em que o importante era a propagação da espécie, quer fosse por imposição do cio, quer fosse por simples apetite.”<sup>48</sup>

Posteriormente, Saramago revisa a guerra contra os reis madianitas quando Moisés mandou, por ordem de Deus, que os soldados israelitas matassem todas as mulheres casadas e jovens, que guardassem para seu próprio uso as solteiras e os despojos de guerra.

Depois disto Caim viaja para o tempo de Josué e a tomada de Jericó, trabalhando no serviço de apoio do exército. Na conquista de Jericó, nada é poupado, tudo é destruindo: homens, mulheres, crianças e animais. Mas sua saga não para por aí. Ele visita outro episódio do livro de Josué, em que supostamente o sol haveria parado. Ao reescrever os fatos, Saramago destaca através do narrador: “Tirando os inevitáveis e já monótonos mortos e feridos, tirando as costumadas destruições e os costumadíssimos incêndios, a história é bonita, demonstrativa do poder de um deus ao qual, pelos vistos, nada seria impossível. Mentira tudo.”<sup>49</sup>

À ideia de parar o sol, o senhor responde:

Não posso fazer parar o sol porque parado já ele está, sempre o esteve desde que o deixei naquele sítio, Tu és o senhor, tu não podes equivocar-te, mas não é isso o que os meus olhos veem, o sol nasce naquele lado, viaja todo o dia pelo céu e desaparece no lado oposto até regressar na manhã seguinte, Algo se move realmente, mas não é o sol, é a terra, A terra está parada, senhor, disse josué em voz tensa, desesperada, Não, homens, os teus olhos

---

<sup>48</sup> Ibid. p. 103.

<sup>49</sup> Ibid. p. 117.

iludem-te, a terra move-se, dá voltas sobre si mesma e vai rodopiando pelo espaço ao redor do sol.<sup>50</sup>

Nessa conversa, insere-se no discurso bíblico o seu total oposto, saber, segundo a visão saramaguiana, o discurso científico. E toda a utilização desse discurso vem para criar um conflito entre a fé na história bíblica e o conhecimento científico. Para este último, conhecedor dos movimentos de rotação e translação planetária, o diálogo adquire um caráter burlesco, pois é o próprio Deus quem admite que a terra gira ao redor do sol. Soma-se a isso o desespero de Josué, ao ter suas convicções abaladas, sabendo que aquilo que seus olhos viam era o avesso da realidade. Então, retomando o tom beligerante de líder do exército, Josué pede o inverso:

Então se assim é, manda parar a terra, que seja o sol a parar ou que pare a terra, a mim é-me indiferente desde que possa acabar com os amorreus, Se eu fizesse parar a terra, não se acabariam só os amorreus, acabava-se o mundo, acabava-se a humanidade, acabava-se tudo, (...) tudo seria lançado para fora como uma pedra quando a soltas da funda.<sup>51</sup>

Ao final da história assiste-se ao seguinte diálogo entre Deus e Josué: “Não falarás a ninguém sobre o que foi tratado aqui entre nós, a história que virá a ser contada no futuro terá de ser a nossa e não outra (...) A minha boca não se abrirá salvo seja para confirmá-la, senhor, Vai e acaba-me com esses amorreus.”<sup>52</sup>

Aqui Saramago deixa clara a oposição, segundo a concepção por ele herdada, entre fé e ciência. Nesse sentido, confirma-se o que diz Queiruga quando destaca que o choque entre o paradigma cristão fincado na antiguidade e o paradigma do ateísmo moderno teve como uma de suas frentes a luta entre fé e a ciência.<sup>53</sup> Nas suas palavras:

O novo da ciência foi que descobriu de repente a densidade e a solidez do mundo; que este valia por si mesmo; que tinha algumas leis próprias, regulares e constantes que explicavam sua atividade sem necessidade de recorrer a forças externas (demoníacas, angélicas ou divinas).<sup>54</sup>

Seguindo o seu itinerário, Caim visita o justo sofredor Jó e logo que toma conhecimento das desgraças que acometeram ao justo homem faz questão de afirmar seu veredito contrário a aparente absurda justiça divina: “A mim não me

<sup>50</sup> Ibid. p. 118.

<sup>51</sup> Ibid. p. 118-119.

<sup>52</sup> Ibid. p. 119-120.

<sup>53</sup> Cf. QUEIRUGA, A. *Creio em Deus Pai*. p. 32.

<sup>54</sup> Ibid. p. 32.

parece muito limpo da parte do senhor, disse caim, se o que ouvi é verdade, talvez, como tantos dizem, o senhor seja justo, mas a mim não me parece.”<sup>55</sup>

A mulher de Jó conhecida no relato bíblico por se rebelar contra Deus, na narrativa saramaguiana mais uma vez serve de elemento desestabilizador ao duvidar “que as manhas do diabo não prevalecem contra a vontade de deus”<sup>56</sup> Agora, diante da perda de tudo que mais amava chega à conclusão de que “o mais certo é que satã não seja mais que um instrumento do senhor, o encarregado de levar a cabo os trabalhos sujos que deus não pode assinar com seu nome.”<sup>57</sup>

A partir daí, o foco narrativo se distancia das falas dos personagens do livro e volta-se para o protagonista e os dois anjos:

Suponho que o senhor estará feliz, disse aos anjos, ganhou a aposta contra satã e, apesar de tudo quanto está a sofrer, job não o renegou, Todos sabíamos que não o faria, Também o senhor, imagino, O senhor primeiro de todos, Isso quer dizer que ele apostou porque tinha a certeza de que ia ganhar, De certo modo, sim, Portanto, tudo ficou como estava, neste momento o senhor não sabe mais de job do que aquilo que sabia antes, Assim é.<sup>58</sup>

O pensamento a que Caim chega é tecido como uma verdade extraída não dele somente, mas uma conclusão alicerçada no que os anjos falaram. Com isso, para além da nulidade aparente de toda a aposta, uma vez que o senhor já sabia o resultado, Caim chama a atenção para todas as perdas, todas as mortes, todo o sofrimento pelo qual Deus fez Jó passar, e os demais habitantes da terra de Us, simples e absurdamente para satisfazer a um capricho de vitória.

Na sua reescritura Saramago inclui poucas falas de Jó e nenhuma de seus amigos, bem como omite o diálogo final com Deus que ocorre no texto bíblico, talvez por ali já existir uma indagação dos motivos divinos.

O que se vê é um embate. De um lado Jó, homem íntegro, reto e temente a Deus, sua família e suas riquezas. Do outro, a reunião da corte celestial em que Deus e Satanás debatem. A partir deste ponto tem início as aflições de Jó que perde seus bens, família e saúde.

Assim, toma forma um personagem que, sabendo-se inocente, procura encontrar uma justificativa para os castigos de Deus, mas não consegue. Enquanto os companheiros vão desfiando a doutrina, “fazendo discursos sobre a resignação em geral e o dever, para todo o crente, de acatar de cabeça baixa a vontade do

<sup>55</sup> SARAMAGO, J. *Caim*. p. 135.

<sup>56</sup> *Ibid.* p. 139.

<sup>57</sup> *Ibid.* p. 140.

<sup>58</sup> *Ibid.* p. 141.

senhor, fosse ela qual fosse”<sup>59</sup> Caim, já seguro que não se pode justificar um Deus que faz sofrer a outrem com requintes de crueldade por uma aposta, resolve seguir viagem.

Desembarca então em sua aventura final. Participa do episódio da construção da arca de Noé e depois o reencontra-se com Deus. A história bíblica se dá através do prisma da punição de Deus contra uma humanidade pervertida. Deus vendo que era grande a malícia dos homens sobre a terra, e que todos os pensamentos do seu coração estavam continuamente aplicados ao mal, arrependeu-se de ter feito o homem sobre a terra. Noé, de acordo com a narrativa bíblica, fora um homem justo e por esta razão, foi escolhido como representante humano, juntamente com seus filhos, a saber, Sem, Cam e Jafet, e suas respectivas esposas, para sobreviver ao dilúvio causado por Deus e formar uma nova humanidade. Para isso, Deus ordena a Noé que construa uma arca que deveria ser ocupada por um casal de animais de cada espécie presente na terra. O criador dá um prazo de sete dias a Noé, para a construção da arca, e faz chover por quarenta dias e quarenta noites, exterminando todos os seres que fizera.

Saramago mais uma vez, no romance, ironiza esse Deus muitas vezes transmitido por diversos segmentos cristãos, dizendo que ele não compareceu “ao bota-fora. Estava ocupado com a revisão do sistema hidráulico do planeta, verificando o estado das válvulas, apertando alguma porca mal ajustada que gotejava onde não devia.”<sup>60</sup>

Na arca, imprevistos acontecem, como, por exemplo, o sumiço de um unicórnio<sup>61</sup>. Caim passa a controlar a arca e a se envolver com as noras e a esposa de Noé. Parece que o autor acentua de propósito a comicidade no romance. Ações descontroladas começam a acontecer e são contadas de modo sarcástico pelo narrador.

Sugere-se a possível gravidez de uma filha de Noé. Uma de suas noras morre embaixo da pata de um elefante e é jogada ao mar, Cam morre consertando uma tábuca da arca. Só sobrevivem Noé e Caim, que ironicamente nunca poderiam dar continuidade a uma nova geração.

---

<sup>59</sup> Ibid. p. 41.

<sup>60</sup> Ibid. p. 161.

<sup>61</sup> A referência a esse animal mitológico, que não deveria estar na arca marca mais uma vez a desconstrução do sagrado na obra em questão como já foi apontado anteriormente.

Enquanto Noé se preocupa com a punição divina para os que descumprem seus desígnios, Caim se diverte, dizendo que ele se haverá com Deus. Noé, no entanto, atira-se da janela pouco antes da abertura da arca, talvez por saber que seria castigado por Deus. Quando Deus chega, saem da arca apenas os animais e o protagonista. Deus, quando a arca é aberta questiona sobre Noé e os seus, ao que Caim responde que estavam mortos. Então os dois passam a discutir:

Mortos, como, mortos, porquê, Menos noé, que se afogou por sua livre vontade, aos outros matei-os eu, Como te atreveste, assassino, a contrariar o meu projecto, é assim que me agradeces ter-te poupado a vida quando mataste abel (...) caim és, e malvado, infame matador de teu próprio irmão, Não tão malvado como tu, lembra-te das crianças de sodoma. Houve um grande silêncio. Depois caim disse, Agora já pode matar-me, Não posso, palavra de deus não volta atrás.<sup>62</sup>

Depois de longa discussão, Saramago finaliza o romance, dizendo que “a única coisa que se sabe de ciência certa é que continuaram a discutir e que a discutir estão ainda. A história acabou, não haverá nada mais que contar.”<sup>63</sup>

Ao percorrer o itinerário de Caim proposto por Saramago chega-se a conclusão que o escritor lusófono assume um discurso contra Deus e contra o cristianismo, a partir de uma abordagem fictícia da relação entre Deus e o personagem que dá nome ao romance. Ele realiza, retomando muitas idéias e conceitos teológicos equivocados que ainda estão presentes em muitos ramos da fé cristã, uma espécie de teologia para transmitir uma imagem negativa de Deus. Por isso pode-se afirmar, portanto, que em *Caim*, Saramago realiza uma a-teologia, ou uma teologia às avessas, na medida em que, procura literariamente desconstruir a idéia de Deus. Em nenhum momento de sua obra Deus é apresentado de maneira positiva. Ele surge na tessitura narrativa como um ser repugnante.

### 4.3

#### **A derrubada das imagens inautênticas de Deus**

A esta altura do trabalho, depois de seguir todo o itinerário proposto por Saramago em *Caim* e de ter vislumbrado o rosto de seu Deus, vale relembrar que no primeiro capítulo, além de caminhos para o enlace entre teologia e literatura, se

<sup>62</sup> SARAMAGO, J. *Caim*. p. 172.

<sup>63</sup> *Ibid.* p. 172.

entreviu a possibilidade de diálogo com o ateísmo, o que abre uma porta para pensar a questão das imagens de Deus a partir do acolhimento das críticas advindas das linhas ateístas de *Caim*.

A questão das imagens de Deus “é um emaranhado nem sempre fácil de compreender.”<sup>64</sup> Como destaca Maria Clara Bingemer, “desde que o mundo é mundo, desde que a humanidade ensaia seus primeiros passos sobre a terra o ser humano busca o rosto de Deus.”<sup>65</sup> Ou seja, as imagens de Deus nascem das interpretações a seu respeito e são herdadas.

Em *Caim* há uma crítica contundente contra uma representação de Deus presente no cristianismo atual, mas que foi forjada a partir do paradigma da antiguidade. De acordo com Queiruga,

Essa distância entre nosso presente e nosso passado é o preço que devemos pagar por algo que constitui uma das maiores riquezas do cristianismo: sua antiguidade. Esta implica enorme tesouro de experiências e saberes, tanto teóricos como práticos. Mas significa também que nos chega a compreensão da fé em molde cultural que pertence a um passado que em grande parte já se tornou caduco.<sup>66</sup>

Afinal, o mundo contemporâneo não é mais aquele em que viveram as gerações passadas. A afirmação da fé cristã não é tão óbvia quanto antes. Hoje as pessoas interagem de um lado com o ateísmo ou indiferença religiosa e de outro com o universo em expansão das religiões.<sup>67</sup>

Assim, o que se está a exigir do cristianismo é uma remodelação dos meios com que este compreende a sua própria experiência. Evidentemente alguns passos já foram dados nessa direção. Entretanto, vasculhando a história percebe-se que quase sempre que se exigiu uma revolução rumo ao futuro o que se viu foi uma volta ao passado.<sup>68</sup> Quando não há essa consciência que, inclusive, permite enxergar a limitação das representações de Deus, assume-se um Deus distorcido.

Por isso, com certa razão, na narrativa do romance saramaguiano em questão encontra-se a crítica a um Deus distante, controlador, cruel e intervencionista. A idéia fundamental de Saramago nesse romance é a de que Deus prejudica a vida. Isso porque ele suprime a liberdade humana obrigando a

<sup>64</sup> MARDONES, J. M. *Matar nossos deuses: em que Deus acreditar?* São Paulo: Ave-Maria, 2009. p. 12.

<sup>65</sup> BINGEMER, M. C. *Um rosto para Deus?* São Paulo: Paulus, 2005. p. 11.

<sup>66</sup> QUEIRUGA, A. *Um Deus para hoje*. São Paulo: Paulus, 2006. p. 11-12.

<sup>67</sup> Cf. BINGEMER, M. C. *Um rosto para Deus?* p. 11.

<sup>68</sup> Cf. QUEIRUGA, A. *Um Deus para hoje*. p. 13.

pessoa a submeter-se à sua vontade e porque ele é indiferente ao sofrimento, uma vez que, podendo nada faz para amenizar a aflição e o mal.

O Deus desenhado pela pena do escritor lusófono, bem como aquele que habita a cabeça de muitos ateus, não é um elemento relevante, impulsionador e libertador da pessoa humana. Ao contrário, ao redor de sua imagem, se acumulam medos, cargas morais, repressões ou reduções vitais.<sup>69</sup> Por isso, é extremamente importante repensar a imagem de Deus. Segundo Queiruga, é a imagem que se tem de Deus fator determinante na compreensão do mundo. Como ele mesmo afirma: “Dize-me como é teu Deus e dir-te-ei como é tua visão do mundo; dize-me como é tua visão do mundo, e dir-te-ei como é teu Deus.”<sup>70</sup> Além disso, são essas representações de Deus que o tornam acessível à experiência humana. Ou seja, a partir delas é que os que crêem se relacionam com ele.

Leonardo Boff em *Experimentar Deus* distingue alguns momentos da experiência do humano diante de Deus. O primeiro momento é o do “saber-imanência-identificação”, onde “a palavra está a serviço do que experimentamos de Deus. Fixamos uma representação. Inicialmente não temos ainda consciência de que se trata apenas de uma representação daquilo que não pode ser representado.”<sup>71</sup> O segundo momento, que Boff chama de “não-saber-transcendência-desidentificação”, é a tomada de consciência na experiência de Deus de que todas as imagens são insuficientes e que tudo o que é dito a seu respeito é da ordem do simbólico e do figurativo. Ou seja, Deus está para além de todo o nome e ultrapassa todo conceito.<sup>72</sup> O terceiro momento é do “sabor-transparência-identidade” quando se reabilitam as imagens de Deus. Após afirmá-las e posteriormente negá-las, de maneira crítica se reconcilia com elas.<sup>73</sup> Compreende-se então que o acesso a Deus só pode ser feito de maneira mediada, ou seja, por meio das imagens.

Diante disso e do texto do ateu Saramago é possível vislumbrar um diálogo, como já foi apontado anteriormente no início desse capítulo com base nas afirmações de Queiruga. Nesse sentido, ao acolher essa crítica sem abrir mão da fé

<sup>69</sup> Cf. MARDONES, J. M. *Matar nossos deuses*. p. 11.

<sup>70</sup> QUEIRUGA, A. op. cit. p. 11.

<sup>71</sup> Cf. BOFF, L. *Experimentar Deus. A transparência de todas as coisas*. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 10.

<sup>72</sup> Cf. Ibid. p. 11.

<sup>73</sup> Cf. Ibid. p. 12.

é possível fazê-la convergir com a teologia, na medida em que, esta procura romper com imagens inautênticas de Deus. De acordo com Leonardo Boff, dando morte às imagens de Deus, abre-se um espaço para experimentá-lo.<sup>74</sup> Nas palavras boffianas, “o ateísmo negador das representações de Deus oferece, portanto a chance de uma verdadeira experiência de Deus.”<sup>75</sup> Dito de outra maneira, a teologia às avessas de Saramago contribui para o interminável trabalho de deixar “Deus ser Deus”.

Como já verificado em etapa anterior do trabalho, o fato de Saramago ser ateu não significa que ele não possua uma concepção de Deus. Todavia, o Deus do escritor é criado pela união de algumas idéias e conceitos filosófico-teológicos que representam grandes desafios à sua interpretação na cultura moderna (pós-moderna). O Deus ficcional do escritor português em *Caim* é a externalização de tudo aquilo que ele compreende ser o Deus da fé cristã.

Na concepção saramaguiana Deus é determinista. Ou seja, segundo as falas de seu narrador e de seus personagens tudo é ordenado por Deus, até a vida e o destino de cada pessoa humana e nada daquilo que foi planejado pode ser mudado. Tudo é entendido na trama do escritor como controlado, planejado e querido por Deus. Assim, a história não pode ser considerada também como história humana, mas como história determinada por Deus. É Deus quem traça o destino de cada pessoa.

Diante do mundo, concebido dessa forma, cabe ao ser humano apenas a aceitação. Essa é exatamente a atitude de Abraão quando o seu filho é requerido. No entanto, o protagonista que dá nome ao romance contesta e procura escapar ao destino determinado por Deus. O Caim ficcional se recusa a ser uma marionete nas mãos de Deus.

Aqui vale lembrar as considerações de Moltmann sobre essa representação de Deus. Para ele “o teísmo pensa Deus à custa do homem, como um ser todo-poderoso, perfeito e infinito.”<sup>76</sup> Essa imagem de Deus foi elaborada através de um complexo processo histórico que trouxe consigo poderosos amálgamas que não foram desfeitos até hoje.

---

<sup>74</sup> Cf. Ibid. p. 20.

<sup>75</sup> Ibid. p. 21.

<sup>76</sup> MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado: A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*. Santo André: Academia Cristã, 2011. p. 314.



Conforme destaca o teólogo alemão:

Podemos ver isso no conceito de Deus, no fato de que Deus foi compreendido em termos da imagem dos faraós egípcios, dos reis persas e dos imperadores romanos. A igreja outorgou a Deus aqueles atributos que antes pertenciam exclusivamente ao César. Ao fazê-lo certamente colocaram os Césares sob autoridade de Deus, em um sentido crítico, mas ao mesmo tempo, formularam a autoridade de Deus em termos da imagem dos Césares, em um sentido afirmativo.<sup>77</sup>

Além disso, essa idéia de Deus arranca do homem aquilo que lhe é constitutivo como humano, ou seja, aliena-o da sua liberdade e alegria. Só resta então a lógica binária que se traduz da seguinte maneira: “Se o homem é livre, então não existe um Deus.; Se existe um Deus, então o homem não é livre.”<sup>78</sup>

Ou seja,

Um Deus que é concebido em sua onipotência perfeição e infinitude a custa do homem não pode ser o Deus que é amor na cruz de Jesus, que realiza um encontro humano de maneira a restaurar sua humanidade perdida para divindades infelizes e orgulhosas, que se fez pobre para que muitos se tornassem ricos. O Deus concebido à custa do homem não pode ser o Pai de Jesus Cristo.<sup>79</sup>

Essa representação de um Deus que orchestra todas as ações humanas como se controlasse um teatro de bonecos, que nada tem a ver com o Deus de Jesus, entra radicalmente em rota de colisão com o paradigma forjado no contexto da modernidade, no qual as pessoas descobriram-se como sujeitos de sua vida e de sua história, e no qual já se tomou consciência de que o mundo físico e social não é controlado por leis divinas.<sup>80</sup>

Tendo em vista essa questão da impossibilidade de conjugação da idéia de um Deus determinista com a liberdade humana, Queiruga ressalta que a relação entre Deus e o mundo deve ser repensada à luz do paradigma moderno que valoriza a autonomia das realidades criadas.<sup>81</sup> Deus tem que ser pensado em relação íntima e interna com o mundo, porque se assim não for se torna justificativa para todo tipo de fatalismo e conduz a resignação.<sup>82</sup>

Nesse sentido, na linha da valorização da autonomia das realidades criadas, a imagem da cabala judaica do *Zim-zum*, a contração divina, já retomada por

<sup>77</sup> Ibid. p. 314.

<sup>78</sup> Ibid. p. 315.

<sup>79</sup> Ibid. p. 315.

<sup>80</sup> Cf. QUEIGURA, A. *Fim do cristianismo pré-moderno: desafios para um novo horizonte*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 20-25.

<sup>81</sup> Cf. Id. *Creio em Deus Pai*. p. 30-35.

<sup>82</sup> Cf. MARDONES, J. M. *Matar nossos deuses*. p. 49-50.

Moltmann pode ajudar a repensar a imagem de Deus.<sup>83</sup> O teólogo alemão apoiado no pensamento Isaac Luria ressalta que a criação é também um ato de humilhação divina que visa o soerguimento da pessoa humana e do universo.<sup>84</sup> Ou seja, o Deus que cria e possibilita um mundo no qual aparecerá um ser livre é um Deus que se contrai para abrir espaço para o criado. Nas palavras de Moltmann: “A criação é uma obra de humildade divina e do recolhimento de Deus para dentro de si mesmo.”<sup>85</sup>

Ainda na composição do seu Deus Saramago o desenha como uma divindade externa ao mundo que intervém de maneira arbitrária sem levar em conta os critérios de justiça. Afinal, ele tem presente em sua mente o teísmo intervencionista. O seu Deus é aquele que habita o céu e interfere a seu bel prazer na história. Essa idéia possui comprovação no próprio personagem Deus, quando escolhe intervir em favor de uns e não de outros, como no caso em que não pune Ló pelo incesto, mas interfere desde fora despejando seu juízo até nas mulheres das cidades de Sodoma e Gomorra. Essas intervenções de fora do mundo mostram que o personagem Deus se apresenta de maneira asséptica em relação à história sem estabelecer uma comunhão com a realidade criada.

Ao construir essa imagem de Deus, Saramago busca criticar o Deus cristão. Fundamentado numa representação herdada, o escritor português afirma criticamente que os interesses do Deus cristão são egoístas e arbitrários. Nas linhas de *Caim*, Saramago constrói o Deus cristão como um Deus distante da humanidade e que se aproxima somente para validar o cumprimento dos seus interesses através seres humanos.

Essa representação de um Deus intervencionista, tão presente ainda na consciência cristã, coloca em questão a ação de Deus em favor da pessoa humana. Portanto, é preciso pô-la abaixo. Deus não age arbitrariamente de fora para dentro do mundo para realizar seus interesses. Mas, como destaca Queiruga, “está sempre aqui entre nós: no homem e na mulher, na terra e na história. Ele está como iniciativa absoluta, sempre em ato: como aquele que sustenta e promove,

---

<sup>83</sup> Cf. MOLTSMANN, J. *Trindade e Reino de Deus. Uma contribuição para a teologia*. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 119-122.

<sup>84</sup> Cf. *Ibid.* p. 122.

<sup>85</sup> *Ibid.* p. 121.

salva e perdoa, convoca e suplica.”<sup>86</sup> Isso quer dizer que Deus não age de maneira arbitrária e egoísta, mas age constantemente nos seres humanos interpelando-os a partir do coração da realidade. Sobre isso conclui Maria Clara Bingemer: “Esse é o movimento dialético, da experiência do infinito no finito, da interpelação desde o seio do finito que desemboca no gesto ético, que intervindo no finito e transformando-o, toca ao mesmo tempo a franja do infinito.”<sup>87</sup>

No entanto, esse não é o único traço do rosto do Deus saramaguiano. Somado a essa característica intervencionista está à concepção de uma despótica onipotência divina. Concepção esta que tem contaminado a reflexão teológica ao longo da história do pensamento cristão. De acordo com essa concepção, Deus é aquele que poderia fazer tudo o que quisesse no mundo.

Saramago faz uso dessa idéia de onipotência arbitrária, não por ele acreditar que exista um Deus todo-poderoso, mas para questionar a bondade do Deus proclamado pelos cristãos, e, ao mesmo tempo, para afirmar a indiferença desse Deus frente à dor e o sofrimento humano.

Claro está, na tessitura narrativa do romance em questão, que para o escritor português a bondade de Deus fica comprometida a partir de sua onipotência. Isso por causa da existência do sofrimento e do mal no mundo. Se o mal e o sofrimento existem no mundo é porque fazem parte da vontade de Deus, pois sendo onipotente poderia eliminá-los, se não os elimina é porque os quer.

Aqui se chega ao derradeiro questionamento saramaguiano que é o mesmo já feito em outras épocas por outros pensadores e que tem levado muitos ao ateísmo<sup>88</sup>: Se Deus existe e é onipotente, por que ele não evita as mortes, as guerras, as injustiças, em suma, os sofrimentos? Por não encontrar resposta, Saramago apresenta a figura de Deus da maneira mais equivocada, a saber, como aquele que quer o sofrimento ou como aquele que é indiferente à aflição da humanidade.

Isso se evidencia no personagem Jó que é acometido por uma série de tragédias simplesmente porque Deus em *Caim* deseja vencer uma aposta. Dessa forma, com a habilidade de sua pena o lusófono ganhador do Nobel procura alegar a oposição de interesses entre Deus e o ser humano. Afinal, na sua acepção, sendo

<sup>86</sup> QUEIRUGA, A. *Fim do cristianismo pré-moderno*. p. 16.

<sup>87</sup> BINGEMER, M. C. *Um rosto para Deus?* p. 32.

<sup>88</sup> Cf. *Ibid.* p. 71.

Deus onipotente, faria tudo para eliminar o mal. Se Deus não o realiza é porque seu interesse não é o bem estar e a felicidade do ser humano. Assim, põe em xeque a bondade de Deus, tal como é afirmada pela fé cristã. Para Saramago, Deus é indolente e cruel.

Esse problema não é novo nos arraiais filosóficos e teológicos. Já foi formulado por Epicuro na antiguidade clássica nos seguintes termos:

Ou Deus quer eliminar o mal do mundo, mas não pode; ou pode, mas não quer fazê-lo; ou não pode e nem quer fazê-lo; ou pode e quer eliminá-lo. Se quer e não pode, é impotente; se pode e não quer, não ama; se não quer e nem pode, além de não ser um Deus bondoso, é impotente; se pode e quer – e esta é a única alternativa que, como Deus, lhe diz respeito – de onde vem, então, o mal real e por que não o elimina de uma vez por todas?<sup>89</sup>

Nos primórdios da Idade Média também esteve presente como se verifica em Boécio quando escreveu: “Se Deus existe, de onde vem o mal? Mas se não existe, de onde vem o bem?”<sup>90</sup> No entanto, se torna conhecido como “teodicéia” somente na modernidade através de Leibniz, que inclusive cunhou o termo. Seu pensamento era justificar a existência de Deus e a presença do mal no mundo. Para tanto, nas diversas páginas de sua obra, tentou mostrar como o mal é uma consequência inevitável de Deus ter criado o melhor dos mundos possíveis.<sup>91</sup>

Ao ler *Caim* fica evidente que o questionamento do escritor português é conduzido pela lógica de Epicurista. Desse modo, como Saramago não abandona a idéia de onipotência divina, a alternativa escolhida é a de negar a bondade de Deus ou a de negar a sua existência. É por isso que o Deus construído em *Caim* é o todo-poderoso e não o todo-amoroso. Ele é pintado como bárbaro porque gera e consente que o mal exista.

Na tentativa de superar essa imagem de Deus marcada pela onipotência arbitrária, Queiruga lembra que a tarefa da teologia não é de suavizar o problema do mal.<sup>92</sup> Afinal, depois de Auschwitz não é possível esquivar-se dele. Mas, então, como falar de Deus? O teólogo espanhol relembra a resposta de Bonhoeffer: “Só o Deus sofredor pode salvar-nos.”<sup>93</sup> Resposta essa, que só tem sentido dentro de outro paradigma teológico em que o Deus determinista, intervencionista, que opera sua vontade arbitrariamente foi morto e seu túmulo se

<sup>89</sup> Ibid. p. 71-72.

<sup>90</sup> Ibid. p. 72.

<sup>91</sup> Cf. Ibid. p. 71.

<sup>92</sup> QUEIRUGA, A. *Um Deus para hoje*. p. 17.

<sup>93</sup> Ibid. p. 18.

tornou berço de Deus que delicadamente respeita a autonomia das realidades criadas.<sup>94</sup> Ou seja,

Enquanto se mantiver, de modo acrítico e talvez inconsciente, o velho pressuposto de uma onipotência arbitrária, no sentido de que Deus poderia, se quisesse, eliminar os males do mundo, converte-se a resposta em pura retórica, que a longo prazo mina pela raiz a possibilidade de crer.<sup>95</sup>

Por isso, a saída para o dilema de Epicuro, segundo Queiruga, consiste em refletir sobre o mal como uma realidade em si. Deus é, portanto, aquele que cria por amor e por isso só quer o bem para suas criaturas e o mal é tudo aquilo que se lhe opõe inevitavelmente tanto física como moralmente nas condições de um mundo e de uma liberdade finita.<sup>96</sup> Por isso, não se deve jamais dizer que Deus manda ou permite o mal, “mas que o sofre e o padece como frustração de seu amor em nós.”<sup>97</sup> Assim, Deus pode ser compreendido como o não-responsável pela existência do mal no mundo, mas, sobretudo como aquele que está ao lado da pessoa humana contra o mal, tal como Jesus de Nazaré o revelou. De acordo com Queiruga:

Essa é a imagem de Deus que os cristãos e as cristãs atuais devem gravar no coração e transmitir aos outros, de que talvez precisem mais do que nunca num mundo fraturado e crucificado. Não um Deus de onipotência arbitrária e abstrata que, podendo livrar-nos do mal, não o faz, ou o faz somente às vezes, ou em favor de alguns quantos privilegiados, mas um Deus solidário conosco até o sangue de seu filho; um Deus Antimal, que como admiravelmente dissera Whitehead: “O grande companheiro, que sofre conosco e nos compreende.”<sup>98</sup>

Moltmann partindo de uma concepção semelhante ressalta o conceito de “Teopatia”, constatado a partir da dinâmica intratrinitária da teologia da cruz, que faz compreender a paixão de Cristo como paixão de Deus.<sup>99</sup> Ou seja, que faz compreender o envolvimento do Deus Triuno no sofrimento de Jesus.

Segundo o teólogo alemão, Deus, longe de ser aquele que desde Aristóteles e Platão tinha sua perfeição denominada como *apatheia*, verdadeiramente assume desde a encarnação de Jesus até o mistério de sua paixão e morte, toda sua realidade humana tornando-se assim para os seres humanos, um Deus muito mais próximo. Afinal, não é um ser frio que nega a condição vulnerável. De tal modo, o Deus da fé cristã trinitária é um Deus que se sensibiliza com a condição de suas

<sup>94</sup> Cf. Ibid. p. 18.

<sup>95</sup> Ibid. p. 18.

<sup>96</sup> Cf. Ibid. p. 21.

<sup>97</sup> Ibid. p. 21.

<sup>98</sup> Ibid. p. 22.

<sup>99</sup> Cf. MOLTSMANN, J. *Trindade e Reino de Deus*. p. 39.

criaturas, e, em seu infinito amor, faz-se solidário em todo sofrimento e se coloca ao lado das vítimas da história.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a partir dessa imagem teopática de Deus mina-se a concepção de um Deus indiferente ao sofrimento humano. Concepção essa, que tem levado muitos ao ateísmo. No dizer moltmanniano:

Com uma teologia trinitária da cruz, a fé escapada discussão e a alternativa entre teísmo e o ateísmo: Deus não é somente de outro mundo, mas também é desse mundo; Ele não é somente Deus, mas também homem; Ele não é só regra, autoridade e lei; mas é também o evento do sofrimento, o amor libertador. Inversamente a morte do filho não é a “morte de Deus”, mas o início do evento de Deus, no qual o espírito do amor que vivifica, emerge na morte do Filho e da dor do Pai.<sup>100</sup>

Só essa compaixão revelada na solidariedade de Deus pode dar uma resposta carregada de sentido aos dramas humanos. Nas palavras de Maria Clara Bingemer: “O compadecer, a compaixão de Deus que entra por dentro do sofrimento humano e desde aí o assume e redime, é a única porta de saída para pensar o enigma do mal no mundo.”<sup>101</sup>

Assim, pode-se afirmar que,

A teologia crítica, assim como o ateísmo crítico, coincidem no sofrimento como marco da pergunta pela justiça. Cristãos críticos, assim como ateus críticos, encontram-se na luta contra a injustiça com ou sem marca religiosa neste contexto de solidariedade prática. Mas, em nível da história da paixão do mundo, o que significa a lembrança da história da paixão de Cristo? Porém, antes que possa postular-se e responder a esta pergunta cumpre esclarecer o que a história da paixão de Cristo significa para o ser mesmo de Deus e, portanto, para a fé cristã em Deus. Um Deus que reina em um trono celeste, em uma felicidade indiferente, é algo inaceitável. Um Deus incapaz de sofrer, não seria também um Deus incapaz de amar e por isso mais pobre que qualquer homem?<sup>102</sup>

Evidentemente, são muitas as tentativas de superação dessa imagem deturpada e distorcida de um Deus déspota e tirano indiferente aos sofrimentos que fica assentado nos céus controlando fantoches humanos para cumprir seus propósitos e intervém arbitrariamente privilegiando uns poucos. Aqui se pretendeu verificar como a crítica do escritor lusófono, nas linhas da narrativa de *Caim*, pode dialogar com a teologia e contribuir para a derrubada dessa imagem equivocada de Deus.

Para chegar até aqui se verificou que ateísmo e cristianismo, apesar de uma longa história de acusações e embates, tem seus pontos de contato e, por isso, podem dialogar. Ou seja, a crítica saramaguiana em *Caim* pode ser acolhida.

<sup>100</sup> Id. *O Deus crucificado*. p. 317.

<sup>101</sup> BINGEMER, M. C. *Um rosto para Deus?* p. 78.

<sup>102</sup> Id. *O Deus desarmado. A teologia da cruz de J. Moltmann e seu impacto na teologia católica*. In: Estudos de Religião, v. 23, n. 36, 230-248, jan./jun. 2009. p. 246.

Além disso, verificou-se que o projeto de reescritura de Saramago continuou no romance em questão. Nele o autor reconta através da intertextualidade e da carnavalização episódios bíblicos. No entanto, fez-se necessário adentrar no romance de maneira detalhada para perceber os perfis de Deus que jorraram da pena do ganhador do Nobel. Concluiu-se, assim, que Saramago quis por ao chão o Deus cristão a partir de sua desconstrução. Desse projeto a-teológico, ou dessa teologia às avessas surgiu a imagem de um Deus cruel. Deus que, mesmo sem abrir mão da fé, a teologia deseja matar para deixar surgir outro solidário, amoroso e compassivo.